



Universidade de Brasília –UnB
Faculdade de Direito
Programa de Pós-Graduação em Direito

ESPIANDO POR TRÁS DA PERSIANA:
UM OLHAR SOBRE A DISCRIMINAÇÃO TRADUZIDA EM ASSÉDIO
MORAL ORGANIZACIONAL CONTRA MULHERES

LARA PARREIRA DE FARIA BORGES

BRASÍLIA

2015

Universidade de Brasília –UnB
Faculdade de Direito
Programa de Pós-Graduação em Direito

LARA PARREIRA DE FARIA BORGES

ESPIANDO POR TRÁS DA PERSIANA:
UM OLHAR SOBRE A DISCRIMINAÇÃO TRADUZIDA EM ASSÉDIO
MORAL ORGANIZACIONAL CONTRA MULHERES

Dissertação apresentada como requisito parcial à
obtenção do título de mestre em Direito pela
Faculdade de Direito da Universidade de Brasília
– UnB.

Orientadora: Profa. Dra. Gabriela Neves
Delgado

BRASÍLIA

2015

LARA PARREIRA DE FARIA BORGES

ESPIANDO POR TRÁS DA PERSIANA:
UM OLHAR SOBRE A DISCRIMINAÇÃO TRADUZIDA EM ASSÉDIO
MORAL ORGANIZACIONAL CONTRA MULHERES

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Direito pela Faculdade de Direito da Universidade de Brasília - UnB, pela banca examinadora composta por:

Profa. Dra. Gabriela Neves Delgado (Orientadora)
Universidade de Brasília

Prof. Dr. José Roberto Montes Heloani
Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)

Profa. Dra. Adriana Goulart de Sena Orsini
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Prof. Dr. Juliano Zaiden Benvindo
Universidade de Brasília (UnB)

Na mulher que pensa, os ovários secam. Nasce a mulher para produzir leite e lágrimas, não ideias; e não para viver a vida e sim para espia-la por trás da persiana. Mil vezes explicaram isso a ela e Alfonsina Stormi não acreditou nunca.

Eduardo Galeano

A Joana da Cunha Borges (*in memoriam*), Celina Parreira de Faria e Sara Parreira de Faria, mulheres extraordinárias, com caminhos na vida tão distintos, mas igualmente capazes de ensinar a lição da coragem, da força e do amor.

AGRADECIMENTOS

*“Sobre tudo o que se deve guardar,
guarda o coração,
porque dele procedem as fontes da vida.”
Provérbios 4:23*

*“A gente principia as coisas,
no não saber por que,
e desde aí perde o poder de continuação
porque a vida é mutirão de todos,
por todos remexida e temperada.
(...)
Qualquer amor já é um pouquinho de saúde,
um descanso na loucura.”
Grande Sertão Veredas.
Guimarães Rosa*

Os agradecimentos vão para aqueles que guardo em meu coração e são minhas fontes na vida. Com toda a gratidão que transborda a alma, parece que as palavras não são suficientes para expressar todos os sentimentos que inundam meu ser quando me lembro de cada um que passará por estas páginas. O coração pulsa nessa escrita vibrante. Fica aqui a tentativa de, em breves linhas, demonstrar um pouco do reconhecimento e da alegria do muito que fizeram e fazem por mim, remexendo e temperando minha vida com mutirão de sentimentos, um descanso na loucura.

A Deus, pelo amor que dá fôlego à vida, pela força e lugar seguro em todos os momentos. Obrigada pelo exemplo de bondade e pelos ensinamentos de amor, pela paz e equilíbrio mesmo nas situações difíceis. Obrigada por me conhecer melhor que eu mesma e, assim, providenciar o consolo, a força e a coragem nas vicissitudes da vida, que só a sua onisciência e onipotência amparam. Senhor, obrigada por dar luz aos meus passos e direcionar meu caminho colocando pessoas incríveis para me abençoar.

A Sara Parreira de Faria, por ser a melhor amiga que veio na forma de mãe amorosa e sábia, regando meus sonhos e me incentivando com seu entusiasmo pelas belezas da vida. Obrigada por me ensinar a amar ao próximo, a retribuir o mal com o bem, a buscar a justiça, a ser forte e determinada sem nunca perder a ternura. Obrigada pelas palavras de incentivo quando eu quase desanimei, pelo colo, pelas noites sem dormir. Obrigada por sempre exigir o melhor de mim em todas as áreas sem nunca deixar de fazê-lo com amor e carinho. Obrigada por me levar ao colégio, natação, piano, inglês e tudo o mais durante todos os anos, momentos de trânsito (principalmente de ideias) que serviram para a construção de nossa grande amizade. Obrigada por me encorajar a desbravar caminhos novos, a enfrentar as dificuldades,

a conhecer novos mundos. Obrigada por chorar meu choro e se alegrar com meu riso. Obrigada por me aguentar discursando sobre minhas ideias jurídicas mais mirabolantes e utópicas e ainda ler o que escrevo, quando nada disso faz parte de seu universo profissional. Você me ensinou que “a coisa mais fina do mundo é o sentimento”, como já dizia Adélia Prado. Obrigada por sempre acreditar em mim, de forma que eu cresço me vendo pelos seus bondosos olhos.

A Júlio César Borges, por ser o papai zeloso, sempre incentivador dos meus sonhos e entusiasta dos meus planos. Obrigada por me ensinar com sua história de vida a lutar contra as adversidades e a vencer obstáculos, mesmo quando sozinho, para realizar o sonho de fazer outros terem um belo sorriso. Obrigada por seu exemplo de profissional dedicado e ético, cuidando da saúde de tantos. Obrigada pelo exemplo de crescimento na paciência e na sabedoria para viver. Obrigada pelas lutas e desafios enfrentados para dar o melhor de si à nossa família. Obrigada pelo amor traduzido em tantos gestos de carinho e cuidado.

A Lucas Parreira de Faria Borges e Felipe Parreira de Faria Borges, orgulhos de uma irmã coruja, pelo privilégio de poder dividir com vocês sonhos, risadas, planos para nosso futuro, ideias, alegrias, lutas e viagens. Obrigada por me fazerem rir com suas histórias divertidas, por me carregarem pela casa me fazendo sentir a irmã mais nova. Obrigada por serem pessoas de um caráter lindo e exemplar, por considerarem o outro, suas qualidades e dificuldades, por me ensinarem tanto com a inteligência que têm. Obrigada por me darem a notícia que eu havia passado na UnB com balões dizendo “A magrela passou!”. Obrigada por serem os primeiros a confiar em andar de carro comigo assim que tirei a carteira de motorista. Obrigada por acreditarem em mim. Obrigada por serem meus grandes amigos e companheiros para todas as horas. Vocês são geniais!

A Celina Parreira de Faria, por ser a mamãe querida (que o mundo “normal” insiste em dizer que é minha avó), que, por tanto amor, carinho e cuidado não poderia receber outro posto em minha vida senão o de mãe. Obrigada por acompanhar meus passos desde bebê. Obrigada por sempre brincar comigo de escolinha, ajudar-me a carregar as bonecas e o quadro, sempre alimentando meus sonhos. Obrigada por ser um exemplo de solidariedade com todos os que cruzam o seu caminho e de simplicidade em encarar a vida. Obrigada por me inspirar com sua humildade, doçura, determinação, força, coração enorme e garra para viver. Obrigada por ensinar em cada gesto de afeto que o mais luxuoso de todos os bens é o amor. Se eu a pudesse definir em uma palavra, seria amor, simplesmente amor. Seu olhar sobre mim tem uma importância incalculável.

A Nestor Martins de Faria, querido vovô, por saber ser humano no sentido mais completo do termo. Obrigada pelo exemplo extraordinário de superação na busca pelo aprendizado, pelo ensino e pelo bem ao próximo e à natureza, sempre saindo da zona de conforto, quebrando paradigmas e enfrentando novos desafios. Obrigada por transmitir o muito que sabe a uma neta que tanto o admira. Obrigada por encorajar meus estudos de Direito com seu encanto pela justiça, ler meus escritos e compartilhar suas percepções sempre entusiasmado com minha jornada.

A Joana da Cunha Borges (Vovó Joaninha) e Hernandes Borges (Vovô Nando), que em memória emprestam tanta saudade ao meu coração. O tempo que nos aprisiona na vida corrida é o mesmo tempo que nos liberta da vida e do próprio tempo, mas deixa aos aprisionados ao tempo a saudade. Como entender?

A todos os meus familiares e amigos que acompanham os passos da mulher que lhes escreve.

Em especial, às queridas amigas Marina Costa Ferreira, Bruna Souza, Priscilla Emrich, pelas conversas animadas, chás, confissões e apoio.

Aos queridos amigos Mariana Justiniano e Felipe Vilela, pela amizade, carinho e confiança que já duram uma vida.

À Amanda Naoum do Valle, pela irmandade que vem desde a infância e vai nos acompanhar até a velhice.

A Talita e Simone Favotto Dalmedico, por me adotarem como verdadeiras irmãs e partilharem comigo felicidade, sorvetes e risadas.

Às queridas Gabriela e Rebeca Netto, pelo entusiasmo e afeto no partilhar de livros, ideias e sonhos.

A Danielle Ferreira, Virna Cruz, Rodrigo Leonardo Melo e Rafael de Deus Garcia por dividirem desejos, alegrias, angústias e amizade verdadeira.

À Aimée Guimarães Feijão, pela paciência e amizade em trocar ideias que permeiam esta dissertação e compartilhar, de perto ou de longe, as angústias, dúvidas, vitórias e lutas de ser mestranda.

Ao querido Rafael da Silva Santiago, por oferecer à palavra amigo o sentido mais genuíno que ela poderia ter durante todos esses anos, nos bons e maus momentos, nas conquistas e nas lutas.

À querida Renata Queiroz Dutra, companheira de seminários, aulas e artigos, exemplo de acadêmica e ser humano, por todo o apoio, auxílio e colaboração nos pensamentos traduzidos nesta pesquisa.

A todos os queridos membros do Grupo de Pesquisa Trabalho, Constituição e Cidadania, pelos diálogos sempre estimulantes, as ricas trocas de ideias, o apoio, a alegria e o aprendizado. Devo a cada um o amadurecimento acadêmico que se reflete nessas páginas. Vocês são fantásticos!

À Exma. Ministra Maria Cristina Irigoyen Peduzzi, obrigada pela oportunidade e confiança. Toda minha admiração e respeito crescem a cada dia pelo convívio e aprendizado com seu exemplo de mulher e jurista. Agradeço pela compreensão, apoio e incentivo no projeto desta dissertação.

Ao Exmo. Desembargador João Pedro Silvestrin, modelo de dedicação ao trabalho, por mostrar ser possível unir simplicidade e competência.

Aos colegas de GMMCP, em especial, Tatiana de Azevedo Baena, Juliana Martins Duarte, Fábio Portela Lopes de Almeida, Lucas Emídio Ferreira Aganetti e Paulo Vinícius Matias Soares, pelas cotidianas reflexões sempre pertinentes, o valioso compartilhar de ideias e vivências sobre o mundo do trabalho e da vida. Trabalhar com vocês é um privilégio!

À querida mestra Dra. Gabriela Neves Delgado, por me encantar com seu jeito que reúne doçura, delicadeza, determinação e exigência (em uma combinação aparentemente paradoxal, mas que a torna ainda mais brilhante). Obrigada por dar luz às minhas primeiras investidas na pesquisa jurídica, acreditar em mim e incentivar meus estudos. Obrigada pelo zelo e carinho ao me orientar na elaboração desta dissertação. Obrigada pelos grandes ensinamentos e encorajamento na minha caminhada acadêmica e na vida. Obrigada por ser mais que uma brilhante orientadora, uma grande e verdadeira amiga para toda a vida.

Ao querido mestre Dr. Juliano Zaiden Benvindo, por despertar em mim, com sua sensibilidade e amor ao ensino, o entusiasmo pelo estudo do Direito que não oprime o diferente. Obrigada pela paciência e dedicação em orientar meus incipientes e vacilantes passos na pesquisa. Obrigada por me inspirar com sua inteligência e brilhantismo na percepção do Direito.

Agradeço ao professor Dr. Ricardo José Macedo de Brito Pereira, pelos valiosos diálogos, pela parceria na escrita acadêmica e, sobretudo, pelo compartilhamento de suas ricas experiências sobre o mundo do trabalho. Seu exemplo de professor ensina sobre a beleza da educação.

Aos professores Dra. Adriana Goulart de Sena Orsini e Dr. José Roberto Montes Heloani, pela prontidão em aceitar o convite para compor a banca examinadora da dissertação e pela inspiração acadêmica que me ofereceram por meio de seus escritos.

RESUMO: A presente dissertação busca lançar luz às tradicionais *discriminações contra as mulheres*, muitas vezes invisíveis e camufladas, para que possam ser vistas e identificadas através da roupagem do *assédio moral organizacional*, que nutre a gestão fundada no modelo de produção toyotista e na ideologia neoliberal. No mundo do trabalho, o *assédio moral organizacional* manifesta-se como método de gestão do qual empregadores se valem no exercício de seu poder empregatício, seja por meio da imposição de comportamentos agressivos por parte da chefia, seja pelo estímulo ou negligência quanto ao surgimento de um ambiente hostil e degradante de competição e ausência de solidariedade entre os empregados ou entre empregados e chefia. Assim, como desdobramento do poder empregatício, o poder disciplinar apropria-se do *assédio moral organizacional* para normalizar condutas e fixar um “padrão” de trabalhador, eliminando os desviantes, seja pelo adoecimento, seja na forma de pedidos de demissão. Na intersecção entre a questão de gênero e o mundo do trabalho, o *assédio moral organizacional* também é utilizado para afirmar que o capital exige um padrão de ser humano masculino, que não gera filhos em seu corpo, não possui responsabilidades familiares, é viril e corajoso, pode dedicar-se quantas horas forem necessárias para cumprir uma tarefa e possui uma companheira capaz de cuidar de todas as outras áreas de sua vida. Como consequência, o mercado sistematicamente comunica às mulheres, na forma de *assédio moral organizacional*, que elas não são bem vindas ao mundo do trabalho remunerado, caso não se conformem ao arquétipo de masculinidade criado. Em razão do contexto de flexibilização de direitos e intensificação das demandas por trabalho, o *assédio moral organizacional* contra as mulheres acaba por confundir-se com as práticas de discriminação de gênero, que se alastram por todas as relações de emprego. Nesse esteio, investigam-se quais os fundamentos e resultados teóricos desenvolvidos pela Sociologia do Trabalho, Psicologia do Trabalho, Análise Econômica do Direito, Teoria dos Jogos e Direito do Trabalho, bem como os retornos institucionais que a Justiça do Trabalho, por meio do Tribunal Superior do Trabalho, têm oferecido como resposta para o tratamento do problema do assédio moral organizacional e sua intersecção com a discriminação contra as mulheres. Adota-se como problema central a relação entre o *assédio moral organizacional* contra mulheres e a *discriminação de gênero*, tendo como substrato seu tratamento pela instância máxima da justiça trabalhista: o Tribunal Superior do Trabalho. Os dados foram colhidos do sítio eletrônico da Corte Superior e analisados em três blocos. O primeiro foi estudado de forma quantitativa e os dois subsequentes tiveram uma análise qualitativa. No primeiro bloco, foram colhidos 103 acórdãos em Recurso de Revista, publicados entre 05/01/2005 e 6/1/2015, tratando simultaneamente de “assédio moral” e “adoecimento”, dos quais apenas 90 mostraram-se aptos para a análise dos quesitos selecionados. Como resultado do primeiro bloco de acórdãos, são apresentados quinze gráficos indicando, entre outros dados, a porcentagem de mulheres e homens que ingressam com recurso na Corte, as doenças ocupacionais mais reconhecidas, as manifestações de assédio moral mais recorrentes, o índice de reconhecimento do nexos de causalidade entre o adoecimento e o assédio moral sofrido. No segundo bloco, foram analisados acórdãos, no mesmo período, que apresentam em suas ementas a expressão “discriminação de gênero”. Por fim, o terceiro bloco estuda um caso em que a discriminação de gênero foi reconhecida na prática de *assédio moral organizacional* por meio do controle gestacional. Assim, buscou-se avaliar o padrão de resposta dado pelo TST às demandas que tratam de assédio moral organizacional e adoecimento ocupacional, bem como aos casos de discriminação de gênero.

PALAVRAS-CHAVE: Discriminação; assédio moral organizacional; mulheres; adoecimento; controle gestacional; toyotismo; neoliberalismo; Estado Democrático de Direito; direitos fundamentais; Constituição; trabalho.

ABSTRACT: The aim of this research is to clarify the traditional discriminatory behaviors against women. Which are often invisible and camouflaged, so that they can be seen and identified through the organizational bullying perspective. Also, such practices nourish the management based on Toyota-production model and the neoliberal ideology. Moreover, organizational bullying manifests itself as a management method which employers rely on their power through the imposition of aggressive behavior by employers, or by stimulating or neglecting the emergence of a hostile and degrading environment of competition and lack of solidarity between employees or between employees and their boss. Thus, as a development of the employment power, organizational bullying is incorporated as a strategy to normalize behavior and establish a “standard worker”, eliminating the different ones, either by illness, whether in the form of resignations. At the intersection of gender issues and the world of work, organizational bullying is used to say that the capital requires a pattern of male human, that does not give birth, has no family responsibilities, is manly, can courageously devote himself as many hours as needed to accomplish a task and has a companion able to take care of all the other issues. As a result, the market systematically communicates to women, in the form of organizational bullying, that they are not welcome to paid work if they do not adequate to the archetype of the masculinity set. Due the context of easing rights and intensified demands for work, organizational harassment against women turns out to overlap with gender discrimination practices that are spread through all employment relations. It will be investigated the foundations and theoretical results developed by the Sociology of Work, Work Psychology, Economic Analysis of Law, Game Theory and Labor Law. In addition, it will be evaluated the institutional feedback that the Labor Court, through the Superior Labor Court, has offered as an answer to the problem of organizational bullying and its relation with discrimination against women. The main concernment of this research is the relation between organizational harassment against women and gender discrimination. This concernment will be analyzed through the highest body of the labor courts perspective: the Superior Labor Court. Hence, data were collected from the website of the Superior Labor Court and analyzed in three blocks. The first block was a quantitative study and the other two were a qualitative analysis. In the first block, 103 judicial cases were searched in Review Appeal, published between 05/01/2005 and 06/01/2015, which presented simultaneously cases of "bullying" and "illness". Out of these 103 cases only 90 were suitable for analysis purpose. As a result of the first block of judgments, it is presented fifteen graphics indicating the percentage of women and men going to Court. The graphics showed the most recognized occupational diseases, the most usual bullying manifestations, the recognition rate of causal link between the illness and the bullying suffered. On the second block, judicial cases concerning “gender discrimination” were analyzed, regarding the same period. Finally, the third section went for a case of gender discrimination recognized in the practice of organizational bullying through birth control. Thus, the research sought to evaluate the pattern of response given by the Brazilian Superior Labor Court to the judicial cases concerning organizational bullying and occupational illness, and to the cases of gender discrimination.

KEY-WORDS: discrimination; organizational bullying; women; illness; birth control; Toyota-production model; neoliberalism; Democratic rule of law; fundamental rights; Constitution; work.